



17:21

16 de Tamuz 5768

טז תמוז תשס"ח

18 de julho 2008

פִּינְחָס
Pinchas



18:15

DEUS E O VENTO

Ao receber de Deus a notícia de que seus dias chegavam ao fim, Moisés teve uma única inquietação, a preocupação natural de um verdadeiro líder:

“Senhor, **Deus dos Espíritos** de toda a carne, ponha um homem sobre esta congregação, que saia diante deles, e que entre adiante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar; para que a congregação de Deus não seja como ovelhas que não têm pastor.” (Num, Cap. XXVII, v. 16-17)

A apreensão de morrer e deixar a congregação sem um pastor que lhes guiasse nos caminhos da *Torá*, induziu as palavras de súplica reproduzidas acima. Este pedido exemplifica e resume a vida de Moisés, um homem totalmente dedicado ao seu povo e a sua missão.

Entretanto, neste pedido há uma estrutura incomum no texto bíblico. Moisés refere-se a Deus como o “Deus dos Espíritos”, *Elokei Haruchot*. Esta expressão foi usada somente duas vezes em toda a *Torá*. Naquele momento e no episódio de *Korach*, quando Moisés pede que o povo não seja castigado indiscriminadamente pela revolta de *Korach*, mas, somente os que dela participaram.

Rashi, baseando-se nos *Midrashim*, explica esta expressão nos dois lugares e o ponto em comum seria o poder divino de conhecer o espírito diferenciado de cada cidadão do povo. Somente o Deus dos Espíritos é capaz de analisar o íntimo de cada pessoa e não aplicar castigos coletivos, mas somente o merecido por cada um e conforme o seu nível de envolvimento no erro. Somente o “Deus dos Espíritos” é capaz de empossar um líder que possa governar conforme a necessidade de cada cidadão e não de forma generalizada.

Esta é a forma mais comum de entendimento desta expressão. O Deus que conhece a fundo todos os espíritos. Porém, a palavra *Ruach* (singular de *Ruchot*) não significa apenas espírito, ela tem como sinônimo também a palavra vento e, sendo assim, Moisés teria chamado o Eterno de “Deus dos Ventos”, o que abriria uma porta para um novo entendimento deste texto bíblico.

Para este novo entendimento é necessário, primeiramente, entendermos os dois momentos nos quais Moisés usou esta expressão. Foram ocasiões extremamente delicadas na vida do condutor do povo hebreu.

No episódio de *Korach*, a autoridade de Moisés como líder de Israel fora posta em dúvida. Aquele que, literalmente, sacrificara sua vida para salvar o povo, era então questionado. Um homem de quase 120 anos de idade que caminhava pelo deserto guiando o rebanho de Deus, ouvindo desaforos e administrando rebeliões, agora era desafiado por seus próprios protegidos. A reação natural de qualquer indivíduo seria abandonar o cargo ou vingar-se impiedosamente dos revoltosos, porém, ele não somente não o faz, como ainda ora ao “Deus dos Ventos” para que não aplique um castigo demasiadamente rígido à congregação.

No episódio desta *Parashá*, ao ser anunciado o seu falecimento em breve, surgiu a preocupação da sucessão. De forma natural, Moisés estava desejoso que seus filhos o sucedessem no cargo, entretanto, Deus lhe comunicou que isto não aconteceria, pois os filhos não se esforçaram no estudo da *Torá* e seu fiel discípulo, *Yehoshua* (Josué), iria substituí-lo. (*Midrash Raba Bamidbar* cap. XXI par. 14)

Podemos imaginar o impacto que esta notícia causou a Moisés. Saber, ao final da vida, que seus filhos não eram dignos para o cargo não fora, de forma alguma, um modo feliz de finalizar seus quarenta anos de dedicação ao povo. Porém, novamente, o líder demonstra sua hombridade e reza outra vez ao “Deus dos Ventos” para que designe um líder apropriado ao povo e que este saiba lidar com todas as intemperanças do rebanho Divino.

Analizadas estas duas ocasiões, resta-nos analisar o vento. Ele é uma das intempéries que mais assusta os seres humanos. Formando seus furacões e tufões e trazendo destruição. Mesmo os ventos mais fracos têm a propriedade de desorganizar. Eles despenteiam cabelos, movem folhas e objetos, batem portas e janelas e bagunçam tudo que estiver à volta.

Moisés percebeu que naqueles dois momentos um vendaval passava por sua vida. Viu seu cargo e sua família sendo despedaçados e desorganizados. O que fora tão claro como a sua liderança, uma escolha Divina, e como a sucessão familiar, afinal eram sangue de seu sangue, não estava mais tão claro assim. Um furacão estava a desorganizar aquilo que ele tinha dado como certo. Ele rezou naquele momento para que o Deus que controla os “ventos” lhe desse força de sobreviver a esta tempestade. Sua prece foi ouvida. O cargo lhe foi mantido e ele angariaria forças para rezar em defesa do povo sem despejar sua ira contra todos os insurgentes.

No caso dos filhos, lhe foi dada a compreensão para que sua preocupação fosse sanada. Moisés entendeu, após a resposta dada por Deus, que somente uma pessoa da estatura de *Yehoshua*, que havia dedicado toda a sua vida, com afinco, ao estudo e cumprimento da *Torá*, poderia ser aquele fiel pastor, conhecedor de cada indivíduo de Israel. Desta forma a frustração de Moisés fora dissipada.

Invariavelmente, ventos passam por nossas organizadas vidas. Muitas vezes não somos capazes de compreender as novas situações as quais somos expostos ou não podemos suportar as decepções causadas pelas novas percepções. Moisés nos ensinou nestas duas ocasiões que existe um Deus que, além de conhecer nossos espíritos, nosso íntimo, é também o responsável pelos “ventos”. Ao termos a clara noção de que o Deus dos Espíritos é também o Deus dos Ventos, automaticamente alcançaremos a compreensão de que tais intempéries que advêm da mesma fonte são para o nosso bem. Aquilo que nos parecia certo e organizado, talvez, precisasse de uma “sacudida” para que novos e verdadeiros aspectos fossem revelados.

O “Deus dos Espíritos” revelou a Moisés que, no íntimo, seus filhos não eram aquilo que ele imaginava serem. O “Deus dos Ventos” mostrou a Moisés que, embora todas as revoltas, ele realmente era o que imaginava ser.

Os ventos bagunçam, porém, quando eles advêm do Senhor dos Ventos, têm como finalidade mostrar a verdadeira ordem por de traz da bagunça.

As três semanas

Quando será a próxima festa? Esta é uma pergunta clássica em nossas rodas de conversa.

O calendário judaico é permeado com datas festivas e reuniões familiares o que causa a grande impressão de um ano só de festas. Porém, não só de festas vive o judeu. O período que terá início no próximo domingo é marcado por um clima de luto e é conhecido como “as três semanas”. Semanas estas compreendidas entre 17 de *tamuz* (20 de julho) e 9 de *av* (10 de agosto). Estas datas estão relacionadas à destruição dos Templos.

A primeira lembra o rompimento das muralhas de Jerusalém e é marcada com jejum de meio dia (do amanhecer ao anoitecer). A segunda é, sem dúvida, o dia mais triste de nosso calendário. Neste dia foram destruídos os dois Templos sagrados, pelos babilônios e pelos romanos, respectivamente. O dia é marcado com jejum completo (desde o pôr-do-sol até o sair das estrelas no dia seguinte) e nos comportamos com todas as leis que recaem sobre um enlutado: Sentamos-nos ao chão, não calçamos sapatos de couro etc.

Todas estas leis têm como objetivo inserir o indivíduo no clima de luto e causar, mesmo que artificialmente, um sentimento de “falta” em relação os Templos. Perguntamos então: Qual a necessidade de tal sentimento? Para que o luto forçado? O talmud afirma que “todo aquele que se enluta por Jerusalém terá o mérito de ver sua reconstrução e alegrar-se com ela” (Tratado *Taanit* Fol. 30b). Nossos sábios explicam que podemos influenciar nosso interior através de atos externos mesmo que sejam, a princípio, artificiais (*Sefer Hachinuch, Mitzvá* 16). Podemos vir a amar ao próximo quando tentamos conversar com ele mesmo sem vontade, podemos vir a ter compaixão por alguém desconhecido quando tentamos ajudá-lo e podemos sentir a falta dos Templos quando nos enlutamos por eles. Somente ao sentirmos esta falta poderemos garantir a nossa plena alegria ao presenciarmos a sua reconstrução.

Que as nossas preces e atitudes nestes dias ajudem a rápida reconstrução de Jerusalém e do Templo, proporcionando-nos a tão esperada alegria.

O Jejum de 17 de Tamuz será no próximo domingo (20). Início às 5h36, término 18h05.

שבת שלום